



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA- UNEB
DEDC – DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO- CAMPUS XIV
COLEGIADO DE HISTÓRIA

JOSÉ DANTAS JÚNIOR

**O REGGAE COMO MOVIMENTO POLÍTICO-SOCIAL EM CONCEIÇÃO DO
COITÉ (1980 – 2010)**

2017

JOSÉ DANTAS JÚNIOR

**O REGGAE COMO MOVIMENTO POLÍTICO-SOCIAL EM CONCEIÇÃO DO
COITÉ (1980 – 2010)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Bahia (UNEB), Campus XIV, Conceição do Coité-Ba, como requisito parcial para conclusão do curso de licenciatura em História.

Orientador: Prof. Ms. Igor José Trabuco da Silva

Co-orientador: Prof. Ms. Paulo Rogério Costa de Oliveira

Conceição do Coité- BA

2017

Eu conheço nossa história
Sempre trago na memória
As mentiras da escola
Embrulhei e foi pro lixo
Pra revelar tudo que se passa
Pra revelar toda uma verdade
Pra contestar ô u ô...ê...
Sobre o que estão falando
São apenas as palavras
Nossas ruas ensanguentadas
Nossas almas contristadas
Pra consertar é preciso amor
(Edson Gomes, Revelação, 1991).

RESUMO

Esse estudo analisa a presença do reggae em Conceição do Coité, bem como seu impacto nos movimentos sociais e culturais do município. Para compreender a cultura do reggae analisarei a sua trajetória musical, focando o impacto do mesmo na cultura afro-brasileira, através de suas músicas. Enfatizando a discussão do reggae no âmbito regional da cidade de Conceição do Coité-BA e como este gênero musical conscientizou e fomentou movimentos sociais, culturais e políticos nesse município. Tendo como recorte espacial o período 1980 a 2010 e como principais fontes a oralidade.

Palavras chave: Reggae, cultura, impacto, Conceição do Coité.

ABSTRACT

This study analyzes the presence of reggae in Conceição do Coite, as well as its impact on the social, cultural and political movements of the municipality. To understand the culture of reggae, I will analyze its musical trajectory around the world, emphasizing the impact of it in the Afro-Brazilian culture, through their songs. Emphasizing the discussion of reggae in the regional context of the city of Conceição do Coité-BA and how this musical genre made aware and fomented social, cultural and political movements in this city. Having as a space cut from 1980 to 2010 and as main sources, written and oral, in which an extensive bibliography was used, as well as several interviews with deponents that were of fundamental importance for the development of the research.

INTRODUÇÃO.....	6
1- AS RAÍZES DO REGGAE.....	9
1.1 A chegada do reggae no Brasil.....	15
1.2 O reggae na Bahia	20
2- A CHEGADA DO REGGAE EM CONCEIÇÃO DO COITÉ.....	26
2.1 Negritude e reggae em Conceição do Coité.....	26
2.2 Movimentos do reggae em Conceição do Coité.....	32
2.3 Associação Cultural e Beneficente Revolution Reggae.....	33
2.4 Irmandade Rasta Reggae.....	39
2.5 A filosofia reggae como estilo de vida.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	47

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo desenvolver uma análise da musicalidade reggae e seu impacto nos movimentos sociais e culturais na Cidade de Conceição do Coité. Analisando o reggae enquanto um elemento diaspórico que cruzou os oceanos até chegar ao Brasil, e em especial Conceição do Coité, bem como apresentar o contexto político-social da chegada do reggae no município referido através de entrevistas, além de fazer um paralelo do impacto do reggae entre Jamaica e Brasil.

A Jamaica foi berço de diversos ritmos musicais expressivos, sendo o reggae seu carro chefe. O reggae é um gênero musical que tem suas origens na Jamaica. O auge do reggae ocorreu na década de 1970, quando este gênero se espalhou pelo mundo. É uma simbiose de vários estilos e gêneros musicais: música folclórica da Jamaica, ritmos africanos, ska e calipso. O reggae recebeu, em sua origem, forte influência do rastafarianismo, que defende a ideia de que os negros devem ascender e superar suas mazelas através do engajamento político e espiritual.

Tendo como recorte espacial a cidade de Conceição do Coité, situada a 211 quilômetros da capital Salvador e localizada na mesorregião do Nordeste brasileiro e microrregião de Serrinha, sendo reconhecida como a rainha do sisal por sua importância na produção e exportação do mesmo, compreendendo o período de 1980 a 2010. Recorte temporal esse que teve como critério a chegada do reggae em Conceição do Coité na década de 80 até 2010 quando se deu a consolidação das entidades sociais reggaeros no que diz respeito a organização e o impacto de suas ações que passaram a ser mais efetivos, buscando compreender a influência que este gênero musical tem sobre os movimentos sociais reggaeros que atuam no município referido.

Foi feita uma análise de trechos de música do gênero reggae, assim como um diálogo com autores, como Paul Gilroy, Stuart Hall, Goli Guerreiro, Fabrício Mota, dentre outros que fundamentaram este trabalho

historiográfico. Sendo de fundamental importância o conceito de Diáspora trabalhado por Gilroy, pois as culturas negras na diáspora têm se construído a partir de processos e dinâmicas ocorridos no interior do sistema "Atlântico negro", e é nesse contexto que o reggae se consolidada e se ressignifica.

Sendo importante também a contribuição de Hall, de modo que a perspectiva teórica da sua obra se insere nos estudos culturais, analisando a crise na pós-modernidade, as identidades culturais de etnia e raça, fundamentais para se entender a importância do negro para o reggae e sua representação. E não menos importante, podemos destacar a contribuição de Mota ao analisar a cultura musical Rasta-Reggae na Bahia – que se configura em uma das mais emblemáticas expressões da música negra no século XX, constituindo-se em referencial simbólico das políticas culturais no Atlântico Negro.

Tendo a fonte oral um papel fundamental na pesquisa com a realização de diversas entrevistas com ativistas sociais, líderes de entidades sociais e políticas reggaeras, bem como também pessoas que não estavam ligadas diretamente com o engajamento social, além de fontes escritas que foram de fundamental relevância para a elaboração deste trabalho.

A fonte oral, assim como o documento escrito, se constitui num tapete de fios que, para se construir uma força original bem articulada, é necessário encontrar o fio condutor associado a um esforço que o pesquisador terá de interpretar, pondo boas perguntas em questão, para obter boas respostas para melhor entender e discutir o objeto de estudo, tendo em vista que a memória é dinâmica e mutável, seletiva, fragmentária e que, apesar de ser construída socialmente, é o sujeito que lembra, ou seja “ a memória tem como função selecionar e articular elementos que nem sempre correspondem aos fatos concretos” (MEIHY, 2005, p. 63).

De acordo com Alessandro Portelli (2006, p. 301) as fontes orais revelam as intenções dos feitos, suas crenças, mentalidades, imaginário e pensamentos referentes as experiências vividas. A fonte oral pode não ser um dado preciso, mas possui mecanismos que as vezes um documento escrito não consta. Ela se impõe como vital para a compreensão e estudo do

tempo presente, pois só através dela podemos conhecer os sonhos, anseios, crenças e lembranças do passado de pessoas anônimas, simples, sem nenhum status político ou econômico que viveram os acontecimentos de sua época, como são as pessoas entrevistadas que são objeto nessa pesquisa.

Matos e Sena (2011, p. 102) diz que ao realizar uma pesquisa que envolve história oral, o pesquisador precisa ter muito cuidado ao utilizar a fonte oral. Deve inicialmente submetê-la a uma minuciosa crítica reflexiva e metodológica. Também precisa possuir um amplo conhecimento das críticas e dos aspectos polêmicos que envolvem o uso da fonte oral, de forma a explicitar suas posições e opções metodológicas na trajetória de pesquisa, armando-se de suporte teórico referente ao fenômeno estudado.

O trabalho está dividido em dois capítulos. No primeiro discuto a origem do gênero reggae na Jamaica, bem como o seu contexto político-social de pobreza e desigualdade social que foi crucial para sua criação, propagação e apropriação por parte da população que viviam à margem da sociedade. Sendo analisado também os ritmos que influenciaram o reggae, além do movimento Rastafári que foi imprescindível para o surgimento do mesmo, que carregava em sua musicalidade letras de contestação e insatisfação social.

No segundo capítulo analiso a chegada do reggae no município de Conceição do Coité, e como foi o seu impacto por parte da população de um modo geral, especialmente aquelas oriundas de comunidades pobres, onde predomina negros marginalizados que tem acesso limitado aos direitos e serviços públicos. Enfatizo num segundo momento como foi que o reggae influenciou e fomentou a organização de diversos grupos sociais, e como esta musicalidade norteou as ações dessas entidades nessas respectivas comunidades, além de entender a relação desses grupos com o poder público e quais os efeitos sociais dessas ações de assistência social, buscando compreender os objetivos e metas desses projetos que foram e são de fundamental importância para o combate a desigualdade social que aflige a periferia da Cidade de Conceição do Coité.

CAPÍTULO 1 - AS RAÍZES DO REGGAE

O reggae é um gênero musical surgido na Jamaica, país localizado na América Central, onde a maioria da sua população descende de escravos africanos que durante séculos foram à base da economia colonialista, sob o domínio da Inglaterra, nos revelando certa semelhança com o Brasil no que diz respeito ao modelo de colonização posto em prática por Portugal.

A Jamaica foi inicialmente colonizada pela Espanha e posteriormente pela Inglaterra no século XVII, que impulsionou e fortaleceu o regime escravista na ilha. Uma das consequências disso foi o surgimento de tensões e conflitos sociais ao longo de sua história, como enfatiza Fabrício Mota (2012, p. 13), ao falar da formação de comunidades de refugiados, composta por escravos fugitivos conhecidos como Cimaroons que se assemelham aos quilombos do Brasil, devendo-se ressaltar que a historiografia que trata dessa temática na língua portuguesa não se aprofunda.

Segundo Albuquerque (1997, p. 13) após a abolição da escravidão em 1838 e da independência em 1962, a população negra se manteve a margem das decisões social e política, não se constatando medidas de inclusão dos negros na sociedade Jamaicana. Rabelo (2006, p.), destaca que esse processo foi semelhante ao que ocorreu na história brasileira em relação aos escravos libertos e seus descendentes.

Rabelo (2006, p. 110) complementa afirmando que ocorreu um período de depressão econômica e instabilidade social após a abolição do regime escravista, surgindo assim revoltas, sendo a mais marcante a rebelião de Morant Bay, ocorrida em 1865, contra a dominação britânica liderada pelo diácono batista Paul Bogle e apoiada em grande parte pela comunidade camponesa jamaicana. Mais tarde nos anos de 1930 foram criados dois partidos políticos. O Partido Trabalhista da Jamaica e o Partido Nacional do Povo que fortaleceu o espírito de nacionalismo jamaicano, não havendo na

bibliografia pesquisada mais detalhes sobre esse período (1865-1930) da história jamaicana.

De acordo com Albuquerque (1997, p. 19) é nesse contexto pós-independência que o reggae encontrou solo fértil para o seu surgimento, sendo o mesmo, fruto de uma simbiose musical do Ska, Blues, Jazz, Rythin and Blue. Sendo os três últimos oriundos dos Estados Unidos, gêneros musicais que tem como características em comum a matriz negra e que exerciam uma influência na musicalidade mais expressiva da Jamaica, o Reggae. Bem como salienta Fabrício Mota:

Já em meados dos anos 60, a sociedade jamaicana passava pelo processo de reestruturação nacional e vivenciava grandes mudanças em seu cenário sociocultural que podem ser resumidas em dois planos paralelamente. Primeiro, a presença das bigbangs de jazz e do frenético ska, responsáveis pela formação de grandes plateias de jovens desde os anos 50, iam aos poucos dando lugar a uma formação mais compacta (no time de músicos) que trazia uma sonoridade mais ralentada e um estilo de tocar mais centrado nos contrapontos de guitarra e piano, acompanhados de mânticas linhas de baixo e um estilo pulsante de tocar bateria: o rockteady, representado por artistas como Ernesty Ranglin, Lynn Taiti & The Jets, Sly e Robbie, Judy Mowatt, Rita Marley e outras/os, que proporcionaram um momento de efervescência criativa na história jamaicana. Segundo, de outro lado, o contexto de extrema pobreza e exclusão impulsionou a popularização da música nas classes ainda menos abastadas e subjugadas à violência. (MOTA, 2012, p.14)

Segundo Albuquerque, a chegada do radiotransistor na Jamaica durante os anos 50 fez muito sucesso na ilha com a captação do rhythm and blues oriundo de New Orleans e seus arredores, caindo nas graças da maioria da população. Ainda sobre esse assunto, o autor destaca:

Havia, porém, um problema: encontrar os discos naqueles artistas era uma tarefa hercúlea- e cara. Ao povão, além da grana, faltava acesso aos discos. Da necessidade, surgiu a solução. Se a massa não tinha como ir aos discos, os discos iam até ela. Surgiram assim os primeiros Sound-systems- caminhonetes ou caminhões equipados com altos falantes potentíssimos, que levavam música para a galera, animando multidões em cada esquina, transformando as ruas de Kingston em grandes salões de baile ao ar livre. (ALBUQUERQUE, 1997, p.17)

No que se refere a essas mudanças no cenário musical jamaicano, o sound-system que surgiu na década de 40 e se popularizou a partir dos anos 60,

nada mais é do que potentes sistemas sonoros comandados por DJs que se revezavam tocando nos bailes e festas populares do litoral ao interior os sucessos do reggae na Jamaica, afirmando Albuquerque (1997) que servia como lazer para a população mais pobre que tinha pouco acesso a outras diversões. Sendo esse espaço cultural, mas também social e político um dos poucos meios possíveis para essas populações segregadas fomentarem sua autoafirmação identitária, servindo os sound-Systems como uma mola motriz que manifestava a insatisfação e a desaprovação dessa população desassistida com os rumos que a Jamaica tomava.

Desse modo, Silva (2006, p. 4) ressalta que assim como no Brasil, após a abolição da escravidão não foram criadas políticas públicas para essa população negra até então explorada e posta à margem da sociedade. Na Jamaica esse processo não foi diferente, vivendo os afrodescendentes jamaicanos sob um velado regime discriminatório e segregacionista, como podemos observar em Paul Gilroy:

Urdido nas favelas urbanas de Kingston (capital da Jamaica) nos anos 60, este foi um dos principais meios de denúncia e combate contra a exclusão social e a invisibilidade dos negros, que se mundializou reassumindo novas leituras sonoras e referenciais de identidade. Visto aqui como uma contracultura musical, foi responsável por conectar diferentes grupos “nacionais” que engendraram de maneiras singulares uma visão de mundo multicentrada do pertencimento negro. (GILROY, 2012, p. 157).

Essa contracultura musical citada por Gilroy pode ser entendida como um movimento de contestação de caráter social e cultural. Fazia frente com a cultura hegemônica e eurocêntrica, buscando afirmação no sentido de criar uma identidade que possa ser ao mesmo tempo local e mundial, como Gilroy (2012) vem analisar que as “contraculturas da modernidade” foram iniciadas e espetacularmente reproduzidas pelos escravos africanos e seus decepcionados descendentes. Visto que com a diáspora o reggae não mais é regional e sim universal, pois os negros procuram criar sua identidade, e o reggae veio como elemento fomentador do movimento negro jamaicano. Assim como podemos perceber no trecho dessa música:

Homem lutador tem de se mover
Homem lutador, não há tempo a perder

Eu sou um homem que luta
E eu tenho que seguir em frente
(Struggling man, Jimmy Cliff, 1973)

Como podemos observar no trecho dessa música de Jimmy Cliff, um dos expoentes da música reggae jamaicana. Essa sonoridade veio contrapor à cultura elitista 'dominante', que tentava suprimir e invisibilizar a cultura negra, tentando impor sua hegemonia cultural. Nesse sentido Albuquerque (1997) aborda que os rastas eram estereotipados como preguiçosos, marginais, baderneiros e maconheiros, na tentativa de tirar o protagonismo dos negros no que se refere a sua cultura musical. Como o mesmo aponta:

O reggae chegou de navio à Jamaica. Mas não foi uma viagem de primeira classe. Longe disso. Foi uma odisséia de medo, terror e sofrimento vivida por milhões de integrantes de diversas nações africanas, capturados e enviados ao outro lado do mundo. Os escravos foram às sementes do reggae, transportados em porões, amontoados uns em cima dos outros, como palitos em uma caixa de fósforos. Ainda parasitando a botânica: há de se cavar bem fundo para se achar as raízes do reggae, tão profundas que chegam a se confundir com a própria história da Jamaica. (ALBUQUERQUE, 1997, p. 13)

Analisando a citação sobre a raiz do reggae, ela é bem mais complexa por se entrelaçar com a história da Jamaica. Pois como afirma o mesmo, os escravos não esqueceram sua cultura, estes, gradativamente foram contaminando e criando a base da cultura jamaicana gerando diversos ritmos daquele país, como por exemplo, o Ska e o Rock Steady, bem como o Reggae.

Pontuando Rabelo (2006, p. 364) que em situações como casamento, enterro ou nascimento eram oportunidades para que estes escravos resgatassem a sua musicalidade ancestral de matriz africana.

Segundo a hipótese desse mesmo autor, o rastafarianismo, surgido na década de 1960, também conhecido como movimento rastafári ou Rastafar-I (rastafarai) é um movimento religioso que proclama Hailê Selassiê I, imperador da Etiópia, como uma representação de Jah (Deus). Esse termo é oriundo de uma forma contraída de Jeová encontrada no salmo 68:4 na versão da Bíblia do Rei James, e faz parte da trindade sagrada o messias prometido. O termo rastafári se origina em Ras ("príncipe" ou "cabeça") Tafari ("da paz") Makonnen, o nome de Hailê Selassiê antes de sua coroação. Silva afirma que:

Inspirado em interpretações bíblicas do Velho Testamento, o rastafarianismo constituiu-se numa alternativa de construção da nacionalidade para milhares de jovens jamaicanos, que viviam no desemprego e na marginalidade, especialmente a partir da industrialização da Jamaica, nos idos de 1950. Talvez por isso, desde o nascimento, o reggae tornou-se um movimento popular de grandes dimensões, refletindo, em suas letras, os anseios das populações de baixa renda e a identidade cultural dos oprimidos, que o adotaram como símbolo da expressão de suas angústias, o que atribuiu ao reggae, também, uma característica de música dos guetos. (SILVA, 2010, p.207)

O movimento surgiu na Jamaica entre os trabalhadores e os camponeses negros na década de 1950, se popularizando, iniciando por uma interpretação da profecia bíblica em parte baseada pelo status de Selassiê como o único monarca africano de um país totalmente independente e seus títulos de Rei dos Reis, Senhor dos Senhores e Leão Conquistador da Tribo de Judah, que foram dados pela Igreja Ortodoxa Etíope.

Rabelo (2006, p. 341) entende que o rastafarianismo pode ser visto como um mecanismo de valorização cultural na nacionalidade jamaicana, que nesse momento procurava se desvencilhar das tradições da antiga metrópole, buscando a sua própria constituição identitária, de modo que o reggae se apropriou do discurso rastafári, demonstrando o seu alinhamento com o mesmo.

Visto como um símbolo religioso do Deus encarnado entre os adeptos do movimento rastafari, Tafari Makonen ou Hailé Selassiê era encarado como um “Deus” vivo por esse movimento que pregava o retorno dos negros de volta à ÀFRICA por esse imperador, considerado descendente direto de Salomão.

As letras de tom libertador e contestatório, tão característico do reggae têm por finalidade mostrar a realidade do cotidiano das populações desfavorecidas e com poucas perspectivas de vida dos guetos e favelas não só de Kingston, como qualquer outro grande centro urbano, seja na Europa, América ou África, mostrando assim o caráter diásporico e universal da cultura negra como bem enfatiza Paul Gilroy (2001, p. 175) ao falar das conexões que ligam continentes e oceanos através da diáspora africana. Podemos identificar tais elementos no trecho da música War de Bob Marley:

*Até que não existam cidadãos de primeiro
E segunda classe de qualquer nação*

*Até que a cor da pele de um homem
Seja menos significativa do que a cor dos seus olhos
Haverá guerra
(War, 1976, Bob Marley)*

No trecho dessa música de Bob Marley podemos observar o caráter contestatário da musicalidade reggae e a urgência de mudanças dentro dessa sociedade racista a qual Marley vivenciou e narrou nas suas composições. Dessa forma, o historiador maranhense Costa Santos vai explicar os motivos que fizeram o reggae se popularizar na Jamaica.

Neste sentido o reggae como produto cultural assumiu e constituiu valores, isto porque, boa parte da população local se identificou com o ritmo, criando assim laços de autoafirmação enquanto sujeitos adeptos do movimento reggae, principalmente a população periférica menos favorecida. (SANTOS, 2007, p. 2)

Ainda sobre a origem do reggae, Mota (2012, p. 45) vem enfatizar que ser sujeito de sua história tem sido uma tarefa árdua para as populações negras, pois essas tiveram as suas subjetividades estilhaçadas.

Podem-se entender essas subjetividades pelo racismo e preconceito sofrido pelos negros em razão da colonização, e conseqüente escravidão imputada pelos colonizadores europeus durante quase quatro séculos, na qual o negro era visto apenas como força de trabalho que não tinha espaço de decisão na sociedade a qual estava inserido, mesmo que subalternamente, como explica Rosa:

De forma que a etnografia do ritmo jamaicano é uma importante ferramenta historiográfica para desconstruir estereótipos e preconceitos sociais, culturais e educacionais estabelecidos por séculos. (ROSA, 2006, p.45)

Esses estereótipos podem ser vistos no que refere à exclusão social e as poucas possibilidades de ascensão social e econômica vivenciadas pelos moradores de bairros periféricos, que estão sujeitos a todo tipo de adversidade e negligência do Estado para com a saúde, educação, renda e lazer. Que são imprescindíveis a esses moradores compostos em boa parte por afrodescendentes. Sobre esse assunto Godi faz a seguinte reflexão:

Violentamente excluídos da cidadania ao longo dos séculos, negros e negros construíram sua história de modo diacrítico à revelia de modelos oficiais – resíduos do colonialismo - e tiveram na música um conectivo passado- presente mediador de seus anseios e visões de mundo (GODI, 1998, p.47).

Portanto, podemos constatar que o reggae surgiu como elemento aglutinador, constituindo assim uma musicalidade que têm como características a autoestima, libertação e a identidade em que a população negra se apropria para se afirmar.

A chegada do reggae no Brasil.

Essa musicalidade surgida na década de 60 do século XX nas periferias de Kingston na Jamaica é fruto de uma simbiose de ritmos como o ska e o blues, gêneros que resultaram de uma inspiração na matriz africana conquistando o mundo e criando raízes fora do Caribe, se espalhando da Europa à África, e conseqüentemente no continente americano, de modo que podemos notar claramente o caráter diásporico da mesma, como ressalta Albuquerque (1997).

Se a África é a mãe, o Brasil e a Jamaica são filhos pródigos do ritmo. Chicotes e tambores duelaram aqui e ali, até que um belo dia, o estalido saiu de tom e o ritmo seguiu em frente, livre e sem amarras. (ALBUQUERQUE, 1997, p.147).

E o Brasil assim como a Jamaica, foi uma das rotas percorridas dessa contracultura musical da modernidade, que buscaram resgatar a sua ancestralidade africana ressaltada pela citação de Albuquerque no que tange a sua constituição de simbiose musical, que para Paul Gilroy são espetacularmente reproduzidas pelos escravos e seus respectivos descendentes, ou seja, se movimentam e cruzam o atlântico, surgindo desse modo culturas mais fluidas e híbridas que rompem com as identidades fixas:

Como uma alternativa à metafísica da “raça”, da nação e de uma cultura territorial fechada, codificada no corpo, a diáspora é um conceito que ativamente perturba a mecânica cultural e histórica do pertencimento. Uma vez que a simples sequência dos laços explicativos entre lugar, posição e consciência é rompida, o poder fundamental do território para determinar a identidade pode também ser rompido. (GILROY, 2012, p.18)

É nesse momento que a música reggae ganha força no Brasil no final da década de 70, e início da de 80 do século XX, com o advento e a internacionalização do mesmo através de artistas como Jimmy Cliff, Bob Marley, Peter Tosh entre outros que foram dos mais notáveis porta-vozes desse gênero musical diaspórico. Entenda-se o termo diáspora como algo além de êxodo ou deslocamento, que ganhou o mundo e em terras brasileiras foi ressignificado, se tornando um manifesto contra o racismo, opressão e injustiça social que infelizmente não é só uma realidade jamaicana.

Para Stuart Hall, o conceito de diáspora está fundado sob a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “Outro” e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora (HALL, 2008, p. 32). Em relação a citação de Hall, pode-se entender que a mesma se remete a forçada vinda dos negros africanos ao continente americano e a sua tentativa de preservar suas raízes, tendo a musicalidade um dos principais meios para o resgate de sua cultura.

Fernandes (2007) aponta que além das ondas sonoras, o reggae também aportou aqui através do lançamento do filme jamaicano “Balada Sangrenta”, protagonizado por Jimmy Cliff, que narrava a história e um pobre jovem do interior que foi para a capital Kingston em busca de sucesso musical¹.

A primeira vez que a palavra reggae foi citada na música brasileira, foi introduzida por Caetano Veloso em seu álbum “Transa” (1972), com a música intitulada “Nine Out Of Ten”, como ressalta Fernandes (2007, p. 5). Sendo importante lembrar que nesse período Caetano Veloso estava na Inglaterra durante o exílio, reforçando ainda mais o caráter diaspórico do reggae, como podemos verificar nesse trecho da música:

Eu ando na rua Portobello, ao som de reggae
 Eu estou vivo
 A idade de ouro, sim, a idade do velho
 A idade de ouro
 A idade da música passou
 Ouço-os falar enquanto ando, sim, eu ouço-os falar
 Ouço-os dizer
 "Espere a explosão final"

¹ <https://filmow.com/balada-sangrenta-querem-meu-sangue-t11118/>

Eu ando na rua Portobello, ao som de reggae
 Eu estou vivo
 (Nine Out Of Ten, 1972, Transa)

Sendo a rua Portobello citada na música uma área tradicional de imigração Jamaicana em Londres, os imigrantes jamaicanos procuraram não esquecer as suas raízes levando consigo a sua cultura e dentro disto estava a musicalidade reggae, um dos ritmos de maior expressão da Jamaica.

Para Fernandes (2007, p. 69) um dos primeiros contatos do reggae no Brasil foi à apresentação de Jimmy Cliff em um dos Festivais Internacionais da Canção, que aconteceu em 1969. Ao longo da década de 1970 experiências com o ritmo foram tentadas por Jards Macalé, Luís Melodia e outros, mas foi Gilberto Gil quem levou essa influência mais a sério, vendendo 500 mil cópias no seu compacto Não Chores Mais, a versão de “No woman no cry” de Bob Marley em 1979. Como pode ser observado no seguinte trecho:

No Woman, No Cry
 No Woman, No Cry
 No Woman, No Cry
 No Woman, No Cry

Bem que eu me lembro
 Da gente sentado ali
 Da grama do aterro, sob o sol
 Observando hipócritas
 Disfarçados, rodando ao redor

Amigos presos
 Amigos sumindo assim
 Pra nunca mais
 Tais recordações
 Retratos do mal em si
 Melhor é deixar pra traz

(Gilberto Gil, No Woman, No Cry, 1979)

No documentário “Kaya N'Jamaica: A Viagem de Gilberto Gil Na Terra de Bob Marley”, o cantor relata que o primeiro contato que teve com a música reggae foi a partir de um show de Bob Marley no ano de 1978, quando o mesmo estava no exílio nos Estados Unidos. No mesmo documentário o cantor diz que não teve contato pessoal com Bob Marley, porém soube que o astro jamaicano gostou da releitura que ele havia feito de sua música “No woman, no cry”.

Chegando o reggae a influenciar o meio do rock, como destaca a autora:

Na década de 1980 o reggae é uma importante influência no rock brasileiro e bandas como Paralamas do Sucesso, Cidade Negra, e já em 1990 o grupo Skank, estabelecem a versão brasileira do reggae. O caráter revolucionário, político e principalmente religioso do reggae jamaicano é perdido, assim como o fator étnico negro, pois, das bandas mencionadas, apenas Cidade Negra possui entre os seus integrantes músicos negros. (FERNANDES, 2007, p.475)

A autora Adriana Fernandes vem ressaltar que diferentemente do Olodum e Muzenza, grupos culturais e carnavalescos da Bahia que utilizaram o samba-reggae como instrumento pra promoção racial, esses grupos de rock se apropriaram da musicalidade reggae e ajudaram a consolidar sua influência, mas de modo que o seu caráter religioso e étnico foi ressignificado, tornando mais acessível essa música ao público branco, que segundo a mesma também passaram a produzir essa cultura então emergente.

Para explicar como esse ritmo foi se consolidando no Brasil, deve-se compreender que nesse período, que corresponde os anos de 1980, o país passava por um processo de redemocratização política e consequente reabertura cultural, e o reggae nesse bojo intensificou a sua atuação denunciando os problemas sociais que eram latentes na sociedade brasileira, que buscava a superação dos problemas político e social. Sobre as identidades fraturadas e a emergência de novos movimentos sociais, Hall afirma:

De forma crescente, as paisagens políticas do mundo moderno são fraturadas dessa forma por identificações rivais e deslocantes-advindas, especialmente, da erosão da “identidade mestra” da classe e da emergência de novas identidades, pertencentes à nova base política definida pelos novos movimentos sociais: feminismo, as lutas negras, os movimentos de libertação nacional, os movimentos anti-nucleares e ecológicos. (HALL, 2011. p, 21)

A citação de Hall embora não trate especificamente do Brasil, ajuda a entender a aceitação que o reggae teve entre a população brasileira menos favorecida, pois o cenário de redemocratização política, juntamente com a sua necessidade de expor os seus problemas que até então estavam sendo oprimidos, em virtude da truculência do Regime Militar (1964-1985), tiveram nesse momento um terreno propício para intensificação das lutas política e social.

Nesse sentido a visita de Bob Marley ao Rio de Janeiro em março de 1980, para uma ação promocional que tinha como objetivo marcar a entrada no mercado nacional da gravadora alemã Ariola fomentou o cenário reggae no Brasil, reforçando essa fragmentação cultural que começava a ganhar corpo diante dos acontecimentos que viriam a consolidar a influência do ritmo caribenho mais expressivo, além de diversos shows que Jimmy Cliff fez por aqui, contribuindo ainda mais para a ascensão desse gênero musical que conquistou adeptos e simpatizantes por todo o país, como bem destaca Bárbara Falcón:

A presença da música jamaicana confere um toque especial a toda sorte de sons inventados e reinventados no planeta. No Brasil, desde a década de oitenta, o ritmo serviu de inspiração para composições de ícones como Gilberto Gil e Moraes Moreira. Ainda ao final dessa década, grupos como Paralamas do Sucesso e Titãs gravaram algumas de suas composições nesse ritmo, anunciando o que estaria por vir nos anos 90. (FALCON, 2012, p.55)

O reggae então passa a assumir certo protagonismo no cenário musical brasileiro, muito em função de suas letras contestatórias que traduzem os anseios da população mais vulnerável que ver nessa musicalidade uma forma de resistir, bem como uma autoafirmação da sua identidade que encontrou no terreno desse ritmo caribenho solo fértil pra lançar a semente que cresceria e faria frente ao sistema injusto, como podemos observar na letra da música Somos Nós de Edson Gomes:

Sim, somos nós os marginais
Sim, somos nós brutalizados
Os favelados dos porões do inferno
O inferno é aqui.

(Edson Gomes, Somos nós, 1980)

Por fim, a análise da letra dessa música de Edson Gomes simboliza a dura realidade do cotidiano da população menos favorecida, em especial os negros, que se apropriaram do Reggae como uma forma de mostrar o seu descontentamento, a fim de mudar o quadro socioeconômico a qual estão sujeitos, utilizando essa musicalidade como uma ferramenta de denúncia.

O reggae na Bahia.

Na Bahia, onde a maioria da população é afrodescendente, conforme afirma Guerreiro (2000, p. 13), a música reggae veio a ser aceita e assimilada como parte da diáspora negra africana, ocorrendo assim um deslocamento de signos provocados pelo circuito de informação tecnológico/eletrônico, como por exemplo, discos, ritmos, cabelos, ideologias como ressalta a mesma autora.

Foi esse olhar que investiu no circuito de comunicação da diáspora negra que possibilitou o fato de cidades como Salvador, Kingston, Londres, Havana, New Orleans se conectarem caracterizando dessa forma a Terceira Diáspora Africana, como diz a antropóloga baiana Goli Guerreiro (2010, p. 15).

Nesta perspectiva de análise Yukio Agerkop (2009, p. 6) argumenta que os grupos afrodescendentes soteropolitanos se identificaram com os discursos sociais e políticos dos grupos étnicos e fenômenos musicais oriundos da África, Estados Unidos e Caribe, criando assim novos paradigmas, que para a visão do autor se desdobram em espaços imaginários e não em espaços territoriais e políticos. Pois essas fronteiras têm como objetivo, moldar a identidade cultural.

Guerreiro aponta que a partir dos anos 70, Salvador, a maior cidade negra da América Latina aderiu ao reggae como principal meio de comunicação da diáspora. Dessa forma, ídolos como Bob Marley, dentre outras identificações do reggae jamaicano passam a ser intercambiáveis, como podemos ver neste trecho:

No final dos anos 70, os bairros negros como o Pelourinho e a Liberdade, estavam apinhados de bares de reggae²⁰, onde Bob Marley, Jimmy Cliff e Peter Tosh eram celebrados e a bandeira da Free Africa era orgulhosamente exibida nas paredes, trazendo o gosto pelas cores verde, vermelha, preta e amarela ²¹. Nasceram os grupos de reggae como Nação Rastafari e Amigos do Reggae, os primeiros de uma longa série como Guerrilheiros de Jah, Djamba, Dendê Cum Jah, Morrão Fumegante, etc. Em 1980, o jamaicano Jimmy Cliff lota o estádio da Fonte Nova com seu reggae dançante ao lado de Gilberto Gil, onde a canção de Bob Marley "No woman no cry", um dos maiores hits do gênero, foi acompanhada por cerca de 60 mil pessoas. Este foi o primeiro sinal de que o reggae começava a se expandir para além dos espaços musicais negros. (GUERREIRO, 2000, p.7)

A popularização do reggae na cultura baiana trouxe marcas permanentes na sua musicalidade, sendo o samba-reggae o principal exemplo. Cujas letras celebravam o universo negro, saindo das periferias para ocupar destaque na cena musical baiana, como sintetiza Agerkop (2009, p. 10).

Segundo Santana (2000, p. 38) o ano de 1988 a mídia anunciava que os blocos afros de Salvador tinham inventando um novo ritmo que mesclava o samba com o reggae jamaicano, e esse hibridismo veio a transformar a música em bandeira política com força suficiente para barganhar cidadania para o negro baiano, em um momento de redemocratização política do país.

A música de Gerônimo, Macuxi Muita Onda, popularmente conhecida por “ Eu sou Negão” se transformou em um verdadeiro manifesto afro como podemos observar nesse trecho:

*Eu sou negão
Eu sou negão
Meu coração é a liberdade
É a liberdade.*

*Sou do Curuzu, Ilê
Sou do Curuzu, Ilê
Igualdade na cor, essa é a minha verdade
Igualdade na cor, essa é a nossa verdade*

(Gerônimo, Macuxi Muita Onda, 1986)

Na letra dessa música pode ser visto e observado o caráter afirmativo da música reggae em mostrar e exaltar a negritude em detrimento do preconceito a qual essa comunidade negra baiana vivencia. Sobre o segundo trecho da música, refere-se à favela do Curuzu localizada na capital da Bahia, Salvador, precisamente no bairro da Liberdade, caracterizado por uma alta densidade de população afrodescendente, segundo o ator e ativista do movimento negro baiano Hamilton Walê.

Os negros desse bairro foram os pioneiros manifestar a sua negritude, com suas roupas coloridas, cabelos trançados, gírias africanizadas e

principalmente pela sua musicalidade percussiva. Foi no Curuzu onde surgiu o primeiro bloco afro de Salvador, o Ilê Aiyê², que é exaltado nessa música de Gerônimo, valendo ressaltar que a comunidade Curuzu faz parte do bairro da Liberdade, o mais negro de Salvador, como afirma Guerreiro (2010, p. 29).

É nesse bojo que surgem também outras entidades culturais carnavalescas que tomam emprestado a musicalidade reggae e/ou se inspiram na mesma para organizar seus desfiles no carnaval de Salvador, como por exemplo, o Olodum e o Muzenza, grupos que constituíram uma identidade afro-baiana.

O Olodum- termo diminutivo de Olodumaré que em ioruba significa "Deus dos Deuses" surgido em 1979 no bairro do Pelourinho, cenário barroco de origem colonial tombado como patrimônio histórico da humanidade e habitado por prostitutas, vagabundos e traficantes que viviam da renda gerada por turistas brasileiros e estrangeiros, onde havia bares que tocavam o reggae junto com rodas de capoeira, misturado com o som dos berimbaus, afirmando o caráter miscigenado do reggae baiano, como bem pontua Santana (2000, p. 5) em sua tese de doutorado referente ao Olodum.

Guerreiro (2010, p. 43) afirma que nos ensaios do Olodum diferentemente do Ilê Aiyê, qualquer pessoa podia frequentar, seja negro, branco, brasileiro ou estrangeiro. E continua dizendo que no início os ensaios não despertavam interesse dos moradores e transeuntes do bairro do Pelourinho, isso levou a uma reestruturação a partir da entrada de membros vindos do Ilê Aiyê, que transformaram a musicalidade do bloco, passando a ser pautada no discurso antirracista e dando ênfase na esfera social, tão característico do reggae como pode ser observado nessa música lançada pelo Olodum:

“ Força e pudor/ liberdade ao povo do Pelô/ mãe que é mãe no parto sente dor/ e lá vou eu/ declaro a nação: Pelourinho contra a prostituição/ Aqui se expandiu e o terror já domina o Brasil/ faz denúncia Olodum Pelourinho/ na Bahia existe Etiópia/ pro Nordeste o país vira as costas/ mas mesmo assim nós somos capazes/ e o Olodum a verdade nos traz [...]” (*“Protesto do Olodum”, Betão, 1988*)

² Trata-se de um bloco carnavalesco, cultural e social onde se caracteriza por vetar a entrada de brancos, cuja música mescla o samba duro com a matriz ijexá, originária dos candomblés.

O Muzenza, ou mais conhecido como Muzenza do Reggae foi formado por dissidentes do bloco Olodum, e assim como o bloco Ilê Aiyê é originário do bairro da Liberdade, o seu nome é um termo bantu, povo que habitava Angola, segundo Guerreiro (2010, p. 45). De acordo com o site³ oficial do bloco Muzenza, o mesmo surgiu como um tributo ao músico jamaicano Bob Marley (1945-1981), o principal difusor da internacionalização do reggae, tendo forte inspiração na cultura jamaicana. Tendo como característica utilizar como símbolo do bloco as cores da Jamaica: verde, amarelo e preto, o Muzenza era adorado pelos jovens foliões da década de 1980, com forte influência da filosofia Rastafári.

Outra simbologia que está visível no Muzenza, são os signos jamaicanos juntamente com o pan-africanismo que representava o retorno a Mãe- África. E como referência o Leão de Judá, título referente ao imperador etíope Hailê Selassiê anteriormente citado como endeusado pelos seguidores do Rastafarianismo como salienta o site oficial do bloco Muzenza.

O trecho da música “Guerrilheiros da Jamaica” identifica tais elementos:

Mama, mama, África
 Mama, mama, África
 Mama, mama, África, ié, ié
 Bob Marley semeou, ô, ô, ô, ô,
 E o reggae se espalhou, Muzenza
 Difundiu em Salvador, se lançou
 Jamaicanizado está á, á, á
 Muzenza, ô, ô, ô
 Guerrilheiros, ô, ô, ô, ô, ô
 (*Rumpilé, Muzenza, 1988*)

Essa música elenca elementos referentes ao pan-africanismo, que significa o retorno às origens africanas por parte dos negros deslocados por conta do tráfico de escravos e do sistema escravagista, que imputou um êxodo aos negros africanos que criaram raízes não só no Caribe, assim como no Brasil, deixando feridas irremediáveis e abertas, principalmente na Bahia, o Estado que se destaca por ter a maior população afrodescendente do país, sendo Salvador, a capital da Bahia a cidade com a segunda maior concentração de negros do

³ http://www.blococultural.com.br/muzenza_26.html

mundo, perdendo somente para Lagos, na Nigéria, representando assim a matriz da cultura africana no Brasil.

E, tanto na capital baiana como em cidades do interior, principalmente no Recôncavo Baiano, sobretudo na cidade de Cachoeira, o ritmo acabou influenciando uma geração de artistas que passou a utilizar o reggae como um veículo de difusão de suas mensagens políticas, religiosas e estéticas, a exemplo de Nengo Vieira, Edson Gomes, Sine Calmon, Geraldo Cristal e Tin Tim Gomes como afirma Falcón:

Considerando o momento histórico e as influências mundiais e locais que chegam à Cachoeira, temos nos anos 80, uma novidade nesse cenário. Um conjunto de mudanças culturais, especialmente vividas pela população jovem, inaugura um período de revalorização de elementos negros e de sintonia com o ritmo recém-chegado da Jamaica, o reggae. Já em meados dessa década, surgem na cidade os primeiros trabalhos influenciados por esse ritmo jamaicano. Artistas como Nengo Vieira e Edson Gomes que já traziam nas suas composições o lamento do povo negro, rearranjaram suas músicas no compasso do reggae. Ambos foram responsáveis pela produção do primeiro disco do gênero gravado do Brasil, o Reggae Resistência (1988). Isto porque o disco que lançou Edson Gomes no mercado fonográfico incluiu repertório com músicas dele majoritariamente arranjadas por Nengo. (FALCÓN, 2012, p. 12)

O reggae é um gênero transnacional, pois os indivíduos tiveram oportunidade de criar laços de solidariedade e identificação com uma cultura distante e ao mesmo tempo próxima. Num movimento que Stuart Hall (2002, p. 37) classifica como fragmentação das culturas fixas na pós-modernidade, que se expandem com a globalização e são ressignificadas aos contextos locais no qual estão inseridos, e que podem ser constatados na letra da música Recôncavo (1990) de Edson Gomes:

Pela libertação do homem negro na América
E pelo repúdio do homem branco na África
Vamos lutar pela libertação
Vamos lutar avante irmão
Por uma África livre
Por uma África liberta
Por uma África unida
Somos a voz da libertação
(Recôncavo, 1990, Edson Gomes)

Concluindo, segundo Falcón (2012, p. 141) e a análise do trecho dessa música, em Cachoeira o reggae foi transformado dentro de um contexto local permeado de africanidades, fazendo com que as pessoas exercessem a sua cidadania, negritude, religiosidade e, sobretudo afirmassem todos esses elementos através da sua musicalidade. Podendo tomar como exemplo de uma dessas pessoas, o ativista social e pedreiro Beto Rasta, que trazia vinis para compartilhar o ritmo em reggae em Conceição do Coité, para que mais pessoas pudessem ouvir e refletir sobre sua negritude e engajamento social, promovendo assim a cidadania através da música reggae. Discussão esta que será aprofundada no posterior capítulo.

Portanto, o reggae na Bahia, o estado mais negro do Brasil, se assume como uma das expressões do negro oprimido, que passa a demonstrar a sua realidade pelas letras das músicas de protesto, lamento e aspirações sócias.

CAPÍTULO 2: A CHEGADA DO REGGAE EM CONCEIÇÃO DO COITÉ

O município de Conceição do Coité, localizado no sertão baiano originou-se através da parada de tropeiros que se deslocavam de Feira de Santana em direção a Jacobina, e no meio do caminho dividiam a jornada descansando num local onde havia fonte, que mesmo no período da estiagem jorrava. A água dessa fonte era usada pelos tropeiros para seu próprio consumo e para matar a sede dos animais da tropa. Dessa forma surgiu o arraial que teve o nome de Coité, porque os tropeiros pernoitavam sobre o abrigo de uma árvore, cujo os frutos eram pequenas cabaças, que no idioma primitivo recebia o nome de “cuíte” (pequena cuia) a qual, no meio era utilizada pelas donas de casa.

NEGRITUDE E REGGAE EM CONCEIÇÃO DO COITÉ

De acordo com Jesus (2011, p. 12) a problemática do negro nesse município começou muito cedo, pois, desde antes que Conceição do Coité se tornasse arraial e freguesia (1855), a problemática racial e do negro já era vivenciada nesse lugar. Anselmo ainda pontua sobre a escravidão no município:

Escravos e escravas eram negociados por senhores e coronéis que utilizavam o espaço urbano da cidade, para realização da feira-livre onde se negociavam escravos. Os escravos eram expostos na praça como animais e lá eram comprados e vendidos, mas deste processo não participavam efetivamente, pois não eram consultados em nenhum momento sobre a transação que era realizada na qual eram objetos. (JESUS, p. 14, 2011)

A herança da escravidão em Conceição do Coité é fortemente exemplificada na comunidade do Maracujá, que se situa a 18 km do município, que foi reconhecida como quilombo no ano de 2014, onde a maior parte da população é descendente de escravos, como afirma a professora Nilzete Cruz no documentário Reggae é de Paz. Que complementa destacando que no município existiu um mercado destinado a compra e venda de escravos no início da segunda metade do século XIX.

Sobre a certificação quilombola, ela ocorreu no dia 05 de novembro de 2014, junto ao governo federal e ministério da cultura sob a responsabilidade da Fundação Cultural Palmares, de reconhecimento legal como uma Comunidade Quilombola, tendo o apoio do (DPPIR) Departamento de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, criado na gestão do prefeito Francisco de Assis (2012) e que tem como coordenador Xande Revolution.

Cruz (2011, p. 13) complementa afirmando que os senhores e coronéis colocavam os escravos expostos como animais e que após o acerto da negociação, a oficialização da compra era levada até o cartório de Feira de Santana à época, lavrando assim a escritura pública da compra do escravo.

Contudo, segundo Jesus (2011, p. 14) as questões que se relacionam a negritude com a tomada de consciência racial pelo negro no município de Conceição do Coité remontam aos anos de 1980, como podemos constatar na citação abaixo:

Naqueles anos, a migração de vários afrodescendentes coiteenses para a capital do Estado, Salvador, colocou a negritude coiteense em contato com os vários movimentos culturais e libertários do negro. Movimentos como o Reggae que explodiu na Jamaica e o próprio Olodum existente em Salvador fez com que esses negros migrantes trouxessem a discussão racial para Conceição do Coité, assim como a cultura do reggae. Naquela época os discos de vinil ajudavam a levar a cultura musical a lugares antes impensáveis. O reggae havia ganhava o mundo. Assim, Conceição do Coité conheceu as discussões da negritude... estava plantada a semente que frutificaria, através dos grupos sociais e raciais a partir da década de 80, bem como nas décadas seguintes (JESUS, 2011. P, 14,15)

A citação evidencia o prelúdio que será a musicalidade do reggae em Conceição do Coité e os movimentos que estão imbricados em suas raízes, como o Revolution Reggae, Rebentos de Israel, Irmandade Rasta Reggae.

Segundo o pedreiro e ativista social Beto Rasta, um dos mais antigos reggaeiros de Conceição do Coité, o reggae chegou na cidade no início da década de 1980, através de discos de vinil que eram comprados em Salvador por ele mesmo, quando o mesmo ia à capital baiana a trabalho:

Eu ia trabalhar sempre em Salvador como pedreiro nas obras e lá em Salvador mesmo, mais ou menos em 1980 eu tive contato com o reggae, através de amigos que ouviam muito Jimmy Cliff e Peter Tosh e acabei gostando da música e comprei discos de vinil e trazia para Coité. Aqui eu me reunia nos finais de semana com os amigos pra

tomar uma cerveja e bater um papo e mostrei para eles as músicas que ouvia em Salvador e logo a galera gostou do ritmo e começamos e fazer esses encontros sempre quando podia, sempre ouvindo reggae. (BETO RASTA, 08 jun. 2016)

Analisando a fala do depoente, Amado (1997, p. 149) destaca que quando mais humilde for o informante, mais tenderá a valorizar uma experiência que lhe rende reconhecimento e prestígio nos círculos que ele frequenta. Pois o entrevistado se sentirá honrado de lembrar de algo que para muitos pode ser insignificante, mas para o mesmo é algo marcante na sua vida.

A fonte oral, assim como o documento escrito, se constitui num tapete de fios que, para se construir uma força original bem articulada, é necessário encontrar o fio condutor associado a um esforço que o pesquisador terá de interpretar, pondo boas perguntas em questão, para obter boas respostas para melhor entender e discutir o objeto de estudo, tendo em vista que a memória é dinâmica e mutável, seletiva, fragmentária e que, apesar de ser construída socialmente, é o sujeito que lembra, ou seja “ a memória tem como função selecionar e articular elementos que nem sempre correspondem aos fatos concretos” (MEIHY, 2005, p. 63). Alberti detalha o estudo e abordagem desses elementos:

Um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, ...) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc. (ALBERTI, 1989, p. 52)

A análise de Alberti se veicula com a entrevista realizada com Beto Rasta, pois por meio da história oral, podemos reconhecer e valorizar as pessoas que a história tradicional positivista não contempla, que é a história não escrita, que do ponto de vista anteriormente pontuado era visto de forma secundária, até surgir a segunda geração da Escola dos Annales que via a história oral como uma fonte também importante para o enriquecimento do trabalho histórico.

Ainda na entrevista realizada, Beto Rasta pontua que o reggae assim como na Jamaica, era mal visto também em Conceição do Coité e seus adeptos eram identificados como possíveis marginais e “maconheiros”, que representavam uma ameaça a sociedade e a ordem pública, especialmente

quando esses indivíduos se aglomeravam para curtir reggae, valendo ressaltar que os encontros ocorriam no bairro periférico do Açudinho. Como podemos observar nesse trecho da entrevista:

Quem curtia reggae nessa época era mal visto pelas pessoas e pela polícia, ainda mais quando a pessoa era “preta”. Várias vezes eu era identificado como suspeito por causa do meu cabelo rasta, as pessoas tinham muito preconceito com a gente e em show de reggae a polícia aparecia e sempre rolava um “bacujelo”, pois a gente reggae era sempre visto como perigoso. (BETO RASTA, 08 jun. 2016)

Nesse trecho da entrevista fica evidente que da mesma forma que aconteceu na Jamaica e no Maranhão, aqui na Bahia também o reggae foi alvo de bastante preconceito por parte da sociedade e das forças policiais, que atuavam de forma arbitrária perante o público reggaero. Isto se explica pelo fato das pessoas que escutavam reggae naquela época, assim como hoje, serem majoritariamente formados por negros marginalizados e moradores de áreas periféricas, a exemplo do entrevistado.

Carlos Castro, presidente da Associação Beneficente Revolution Reggae, sediado no bairro periférico Barreiros também concedeu uma entrevista⁴, na qual afirmou que o preconceito era forte, pois tentavam associar o reggae ao uso de drogas ilícitas. Castro ainda afirma que esse preconceito jamais o abalou, pois explicava para as pessoas que o reggae é uma música que fala dos direitos humanos, da natureza e do amor de Deus.

Morador da cidade desde 1982, Castro conta que as pessoas em Conceição do Coité, escutavam Jimmy Cliff e Benny Slaion e o ritmo musical era divulgado através das radiolas, porém Castro deixa claro que as radiolas eram diferentes daquelas do Maranhão, pois a boca de som era na tampa e a potência delas era bem inferior aos paredões maranhenses, que eram similares aos da Jamaica.

Na mesma entrevista Castro fala que a divulgação do reggae em Conceição do Coité, Castro conta que era feita através de forma natural, como por exemplo visitas corriqueiras na casa de parentes e amigos, na qual se escutava reggae como uma forma de lazer e engajamento social, pois segundo

ele o reggae influenciou e influência até hoje a comunidade negra e periférica coiteense no sentido de promover uma maior conscientização das mazelas vivenciadas por essa população.

No documentário produzido por Jesus (2011, p. 17), Dedé, cantor da banda de reggae coiteense Quixanayah enfatiza o seguinte “ *Em Coité essa coisa do reggae já vinha desde a década de 80... com Beto Rasta*”. Mais adiante ele também destaca que movimentos sociais como, Amantes do Reggae, Grupo Jamaica e depois o Revolution Reggae, foram muito importantes na divulgação e militância do reggae para a sociedade coiteense.

De acordo com Alessandro Portelli (2006, p. 301), as fontes orais revelam as intenções dos feitos, suas crenças, mentalidades, imaginário e pensamentos referentes as experiências vividas. A fonte oral pode não ser um dado preciso, mas possui mecanismos que as vezes um documento escrito não consta. Ela se impõe como vital para a compreensão e estudo do tempo presente, pois só através dela podemos conhecer os sonhos, anseios, crenças e lembranças do passado de pessoas anônimas, simples, sem nenhum *status* político ou econômico que viveram os acontecimentos de sua época, como são as pessoas entrevistadas que são objeto nessa pesquisa.

Em Conceição do Coité, o reggae se proliferou nas periferias e nas regiões menos favorecidas, pois como dito e analisado anteriormente, aquela população excluída e marginalizada se identificou com a música e a filosofia oriunda do Reggae. Muniz Sodré (1988, p. 85), pontua que todo indivíduo da periferia colonizada do mundo passa necessariamente pelo remanejamento do espaço territorial em todo alcance de sua expressão, e fazendo a seguinte reflexão:

As noções de espacialidade ou territorialidade dizem respeito ao local onde se concretizam as relações de poder, gerando uma diversidade de formas de articulação para os grupos excluídos. Nesse sentido, o território pode ser definido como espaço sobre o qual se articulam os elementos que viabilizam a reconstrução da identidade para grupos que vivem a cidadania em condições desiguais (SODRÉ, 1988, p. 85).

Morador do bairro dos Barreiros, o senhor Manoel Sebastião Pereira, 71 anos, conta que ao escutar a música reggae na travessa rua duque, na qual reside, diz que passou a gostar da música quando escutou pela casa do seu

vizinho, “mesmo sem entender direito o que estava dizendo”, Manoel que volta e meia escuta a música reggae quando frequenta bares no bairro ou escuta o rádio.

O caso do senhor Manoel é um exemplo de como a musicalidade do reggae se popularizou, ganhando simpatizantes entre pessoas comuns que não estão envolvidas com movimentos sociais, mas que sentem envolvido com ritmo musical jamaicano.

Assim o reggae em Conceição do Coité foi se destacando por fazer sucesso nas áreas periféricas e criando movimentos de conscientização que se transformaram embriões de futuros movimentos sociais que se baseavam na musicalidade das letras embutidas do reggae. Sendo a Associação Cultural e Beneficente Revolution Reggae a entidade mais atuante no território coiteense com diversos projetos sociais e culturais que beneficiam centenas de jovens moradores de bairros periféricos da cidade.

A música reggae tem conseguido uma grande aceitação nas comunidades negras do Açude Itarandi, Barreiros, Pampulha, Matadouro e da Comunidade Nova Esperança. São bairros de Conceição do Coité onde vivem pessoas de origem negra e com baixa renda per capita, sendo que os jovens desses locais descobriram na música reggae uma filosofia de vida, ouvem reggae como uma celebração e/ou ritual. O reggae para eles é uma maneira de ver o mundo. Falando das injustiças sociais, uma forma de se expressar, um meio de falar e de viver. Portanto esses meios justificaram a escolha deste gênero musical enquanto ferramenta propulsora para o desenvolvimento de um projeto de pesquisa dessa natureza.

Sobre a penetração do reggae nas áreas periféricas da cidade de Conceição do Coité, o ativista social e artista plástico, Edmundo Carneiro descreve:

Com as mensagens ditas nas letras, então as pessoas se perceberam né, com a condição de oprimido e aí então começaram por esse caminho de empoderamento, da contestação. De contestar o sistema, e então isso ajudou muito a eles [reggaeros] (EDMUNDO CARNEIRO, 22 out. 2016)

Edmundo Carneiro cita a importância do gênero musical reggae, ao enfatizar a importância que o mesmo tem no engajamento social e político por parte das camadas menos favorecidas da população de Conceição do Coité, que até então se mantinham alheios, em virtude de não terem sido contemplados por nenhuma organização que lutassem pelos direitos.

José Meihy (2005, p. 184) afirma em seu livro intitulado “Manual de História Oral” que não existem melhores ou piores entrevistas pois cada é uma unidade em si. Ou seja, a cada entrevista podemos tirar uma informação preciosa para o andamento do projeto de pesquisa, pois sempre alguma importante informação é transmitida, mesmo que seja nas entrelinhas, cabe ao pesquisador o papel da percepção.

MOVIMENTOS DO REGGAE EM CONCEIÇÃO DO COITÉ

Para consolidar o ritmo caribenho enquanto movimento engajado na causa negra e periférica em Conceição do Coité, surgiram os movimentos sociais influenciados pela musicalidade do reggae. Segundo Job Lima, coordenador da Comunidade Rebanho de Israel em entrevista realizada no documentário Reggae é Paz, ele afirma que “ O grupo começou por intermédio de Moises Blondy, né, que idealizou umas camisas e tal né e nasceu assim o Grupo Jamaica. E depois ele ressalta que “ Foi muito importante aquilo e foi um sinal de que haveria de ter essas organizações”.

No documentário “Reggae é de paz”, o ativista social Moises Blondy descreve como surgiu o primeiro movimento de reggae em Conceição do Coité:

Estudávamos juntos uma turma que gostava de reggae, que ficava se comunicando e falando sobre as novidades né, o que tinha de novo no cenário do reggae. E a gente pensou: Poxa, bora formar um grupo de reggae... na cidade não tinha nenhum grupo de reggae na época. E então assim criamos o grupo Jamaica. (Documentário Reggae é de Paz, 2012)

A ASSOCIAÇÃO CULTURAL E BENEFICENTE REVOLUTION REGGAE

Dentre os movimentos inspirados na musicalidade do reggae, a Associação Cultural e Beneficente Revolution Reggae (ACBRR), surgida em 2003 a partir da ideia de um grupo de quatro amigos: Dadau, Tiê, Dum e Xande Revolution, e oficialmente fundada em 07 de setembro de 2006, em seu estatuto é uma associação civil de direito privado, sem fins lucrativos de caráter cultural, racial, educativo e de defesa dos direitos humanos que visa combater o racismo e a discriminação que atinge o reggae em Conceição do Coité.

Um dos fundadores do Revolution Reggae conta como foi o surgimento:

O Revolution Reggae surgiu em 2003 ali com quatro amantes da música reggae no Colégio Estadual Durval da Silva Pinto, eram quatro colegas que pela educação de estimular o pensar, a gente resolveu organizar esse movimento que inclusive na semana que a gente tava pensando em fazer as camisas pra poder fazer um encontro de amigos, a gente ficou entre Revolution Reggae e Freedom. Acabou o professor influenciando, o professor Luciano na época, ai ficou Revolution Reggae ai a gente no final de semana sete de setembro, a gente juntou vinte amigos do Açudinho, da Rua Duque, do Matadouro, da Pampulha, Nova Esperança, da Quadra, bairro Fluminense... mandamos fazer vinte camisas, fizemos um churrasco e curtimos reggae, que era a base do Revolution Reggae. O caráter do Revolution Reggae era o quê, reunir amigos, fazer churrasco aos finais de semana e curtir reggae, mas o caráter da própria música reggae nos fez, nos orientou a se organizar como é hoje, nos organizar para intervir socialmente e politicamente. Então o Revolution Reggae nasceu de quatro estudantes em 2003 pra fazer reggae, mas depois o caráter da música reggae nos cobrou que a gente tinha que intervir socialmente e politicamente na cidade de Conceição do Coité. (ALEXANDRE NASCIMENTO, 13 Abr. 2017)

A fala de Xande Revolution é notadamente entendida quando se analisa a união promovida pela organização da ACBRR, que buscou desde o primeiro momento a inclusão de moradores de diversos bairros de Conceição de Coité, independentemente da sua localidade, inclusive amenizando as crescentes rivalidades que ocorrem entre moradores de bairros periféricos da cidade, como por exemplo rua dos Barreiros e Açudinho, que segundo o próprio entrevistado, há uma série de desavenças entre os mesmos por conta das facções surgidas nesses bairros. O artido dois do estatuto do Revolution Reggae é enfático ao explicar isso:

A ACBRR, de forma articulada com os Movimentos Sociais e Populares, tem por objetivo promover a organização, mobilização e fortalecimento dos movimentos sociais e populares, baseado nos princípios da educação popular e na promoção da igualdade racial e,

defesa e garantia dos direitos humanos, valorizando a diversidade socioambiental, étnico-racial, cultural, religiosa e geracional. (ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL E BENEFICENTE REVOLUTION REGGAE, 2003, p. 1, 2)

No documentário “FACES DA NEGRITUDE DO SISAL”, produzido pela ORSIBA (Organização da Sociedade Civil Baiana de Interesse Público), o músico e atual presidente da ACBRR Carlinhos Revolution conta que em um evento de reggae promovido pelo Revolution Reggae houve algo jamais visto na cidade, que foi moradores do bairro do Açudinho e do Barreiros curtirem reggae juntos sem haver qualquer tipo de hostilidade, o que segundo o mesmo não é comum quando se encontram, e ele ainda ressalta sobre o reggae, afirmando que esse ritmo musical passa uma mensagem positiva e de paz.

O artigo 6, inciso E do estatuto destaca a suprema importância da musicalidade reggae na associação, juntamente com a fala de Carlinhos Revolution que destacou o caráter solidário e pacificador do movimento:

Promover e fomentar ações artístico-culturais através da musicalidade REGGAE e da cultura afro brasileira e popular em parceria com grupos comunitários, comunidades tradicionais, movimento sociais e populares, entidades públicas e privadas, estimulando a criatividade através da participação da comunidade, de forma a contribuir para o resgate, valorização e divulgação da cultura popular e afro brasileira. (ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL E BENEFICENTE REVOLUTION REGGAE, 2003, p. 2,3)

No que tange as discussões étnico-raciais, a produção gradativa do reggae está ligada desde os anos 1980 a entidades ligadas à política cultural negra (MOTA, 2010, p. 35) como pode ser visto no artigo 6 e inciso E abordado acima, de modo que o reggae não está dissociado das questões raciais tão presentes na problemática da questão negra, bem como da musicalidade. Sobre a discussão étnico-racial e suas políticas de promoção de igualdade, Santos (2010) faz a seguinte análise:

As políticas de promoção da igualdade racial também têm como objetivo promover a igualdade de oportunidade, de tratamento, assim como promover a inclusão (por meio de acesso e permanência diferenciadas) dos grupos discriminados racialmente em áreas onde eles são sub-representados em função da discriminação que sofreram e sofrem em face da sua cor, raça e etnia. Ou seja, se faz necessário também a implementação de ações afirmativas. (SANTOS, p. 75)

Procurar fomentar essas ideias e discussões elencadas no artigo de Santos (2010) é uma tarefa complexa, tendo em vista que permanecemos submersos numa sociedade racista e discriminatório e com uma mobilidade social ainda estratificada, principalmente quando se nos referimos aos afrodescendentes.

Em entrevista realizada no documentário Reggae é de Paz, produzido por Jesus (2011), a coordenadora Daniele Ferreira do Ponto de Cultura do CPECC afirma que os projetos sociais amenizam a ausência de políticas públicas para as populações menos favorecidas e que moram em comunidades periféricas. Em relação ao projeto “Reggae em Ação” Xande Revolution conta como foi seu surgimento e a importância do mesmo na organização da Associação Cultural e Beneficente Revolution Reggae:

A música já orientava, mas a gente precisou de parceiros para que pudesse capacitar e orientar a gente naquele processo. Aí em 2004 por aí, a gente encontrou uma galera de intelectuais e professores da cidade de Conceição do Coité e até de partidos de esquerdas, que foi o professor Danilo, professor Fernando, professora Margarida Gomes que representavam o CPECC na época e nos chamou para uma conversa. A gente explanou, falou das nossas indagações e o quanto a sociedade de Coité tinha preconceito com a questão da música reggae, e aí eles elaboraram um projeto chamado “Reggae em Ação”. (ALEXANDRE NASCIMENTO, 13 abr. 2017)

Segundo Xande Revolution as pessoas envolvidas no “Reggae em Ação”, ficaram um ano e meio tomando capacitação em liderança social e identidade negra, que futuramente foram fundamentais na elaboração de projetos sociais que propiciaram capacitação social e profissional para jovens que até então não eram contemplados pelas políticas públicas.

Xande Revolution ainda pontua que o “Reggae em ação” por intermédio do CPECC foi de crucial importância na organização da entidade, como ele ressalta na entrevista:

Eu diria que o CPECC e o Reggae em Ação foram essenciais na formalização jurídica da nossa Associação. E o Reggae em Ação a gente troca ideia direto que precisamos de mais ações como essas, pra que a gente possa nos conscientizar e nos organizar cada vez mais, socialmente e politicamente. Que é exatamente o que as letras de reggae nos orientam. Então o CPECC foi importante demais na nossa organização e por consequência na nossa atuação nas

periferias da cidade de Conceição do Coité enquanto entidade social norteadada pelo reggae (ALEXANDRE NASCIMENTO, 13 abr. 2017)

Na sua fala, o coordenador e um dos fundadores do Revolution Reggae ressalta a importância do projeto idealizado pela CPECC. Projeto este que foi ministrado pelo músico e historiador Fabrício Mota, em parceria com o Centro de Promoção da Educação, da Cultura e da Cidadania que visou capacitar lideranças comunitárias e de associações para melhor atuar na esfera social e política da sociedade coiteense.

No que diz respeito a atuação da Associação Cultural e Beneficente Revolution Reggae e seu impacto social anteriormente abordado, Carlinhos Revolution, atual presidente da entidade, fala quais são os resultados obtidos com o projeto “Revolução da Gente”, iniciado em 2010, e que nada mais é do que o conjunto de cursos e oficinas promovidos pela associação: futebol, boxe, pintura em tecido, informática, percussão, capoeira, grafite, violão etc em convênio com a prefeitura municipal de Conceição do Coité, que subsidia os salários pagos aos professores e monitores, bem como o aluguel das instalações utilizadas pelos mesmos, além de fornecer computadores, instrumentos e todo tipo de material necessário para o devido andamento dos cursos, que conta também com os esforços voluntários de membros da própria Associação. Sobre isso, Carlinhos Revolution, o atual presidente da ACBRR diz:

Na escolinha de futebol a gente está com um menino jogando nas divisões de base da Inter de Milão, que saiu da escolinha de futebol do Revolution Reggae. A gente também tá com um menino atuando como jogador profissional pelo Fluminense de Feira de Santana, que atualmente ficou entre os quatro melhores classificados do campeonato baiano de 2017. Os músicos, muitos da percussão estão fazendo barzinhos com outros cantores de Conceição do Coité e região, e os do violão a mesma coisa; do boxe é mais uma questão de lazer e saúde, mas qualquer dia pode surgir um menino aí, um novo Popó ou um Mike Tyson ou quem sabe um Muhammad Ali, não sei... tudo é possível! Enquanto que da computação já tem menino fazendo Corel, que é uma das nossas maiores conquistas, que é Jhon, o cadeirante que cria todas as artes visuais do Revolution Reggae, já vem ganhando dinheiro fazendo trabalho de artes finalistas através das aulas ministradas na nossa oficina de informática. Então tem sim um resultado legal. (CARLOS CASTRO, 28 ago. 2017)

Podemos observar da fala de Carlinhos Revolution, os desdobramentos socioeconômicos que o projeto “Revolução da Gente” teve em relação aos jovens e adolescentes atendidos pelo mesmo. E que segundo o próprio presidente da Associação Cultural e Beneficente Revolution Reggae foi norteadado

com base no reggae, o que quer dizer que essas ações sociais não são meramente projetos de assistencialismo social, mas também mecanismos oriundos de reflexões acerca do papel do reggae no que concerne a problemática social tão presente nas áreas de atuação da entidade aqui pesquisada.

Sobre esse assunto, José D'Assunção Barros (2010), enfatiza que:

Uma vez que deseje ou precise empreender uma análise intensiva de suas fontes, o historiador deve estar atento a tudo, sobretudo, aos pequenos detalhes. Uma vez que em diversas oportunidades ele estará trabalhando ao nível da realidade cotidiana, das trajetórias individuais, das estratégias que circulam sob uma extensa rede de micro-poderes na qual os atores sociais revelam-se em toda a humanidade possível, deve estar preparado concomitantemente para as contradições que irá enfrentar. (BARROS, 2010, p. 52)

Refletindo a supracitada citação, o historiador deve ter cuidado ao destrinchar cada entrevista que realizar, procurando ser o mais imparcial possível, identificando possíveis vícios na fala dos depoentes, mantendo-se neutro, de modo a não escrever uma pesquisa supervalorizando alguns atores, em detrimento de outros.

Sendo importante pontuar que essas diversas oficinas e cursos promovidos pela ACBRR através do “Revolução da Gente”, que desde 2013 tem convênio com a prefeitura municipal de Conceição do Coité, atende a uma necessidade de profissionalização e capacitação desses jovens marginalizados para o mercado de trabalho, bem como uma fonte de renda, amenizando assim a falta de oportunidade a qual esses alunos do projeto estão sujeitos. De modo que as ações da Associação são de extrema importância para a emancipação dos mesmos que concorrem em desigualdade com outros jovens que estão em melhores condições de competir no mercado de trabalho.

Em documentário produzido pela prefeitura municipal de Conceição do Coité sobre a atuação social do Associação Cultural e Beneficente Revolution Reggae (ACBRR), a monitora de pintura em tecido Ana Paula faz o seguinte relato:

Esse projeto tem dado oportunidade as pessoas adultas, as crianças e adolescentes que também fazem parte. Tem desenvolvido seus conhecimentos e suas habilidades, além de proporcionar momentos de lazer para essas pessoas.

Vale ressaltar que o projeto não só atua para moradores do bairro dos barreiros, onde surgiu a ACBRR, como também para moradores de outros bairros periféricos da cidade de Conceição do Coité. Sobre esse assunto, a monitora complementa:

E não só as pessoas do bairro (barreiros), aqui também participa pessoas da Pampulha, Matadouro e até do Sonho Meu. Um projeto como esse chega beneficiando, suprimindo essa necessidade que as pessoas têm de um lazer, um aprendizado, de uma inclusão social.

Atualmente, as diversas modalidades de cursos ofertados contemplam um total de 500 pessoas entre crianças, adolescentes, jovens e adultos em situação de risco, como afirma Xande Revolution em entrevista realizada no dia 13/04/2017. Tendo como critério para continuidade das oficinas no caso das crianças, jovens e adolescentes a comprovada frequência à escola, além de um acompanhamento das notas, sendo as aulas ofertadas em turnos opostos ao colégio. Numa demonstração da importância da educação para a emancipação dessa população à margem das oportunidades.

Cassiano Souza, 15 anos, um dos alunos contemplados no projeto Revolução da Gente na modalidade informática, conta que o projeto está dando a oportunidade que ele nunca teve e que no bairro (Barreiros), isso nunca aconteceu e ainda ressalta que futuramente o curso de informática que está fazendo dará oportunidade para conseguir um trabalho digno, que ele acredita que poderá conseguir, devido a oportunidade que o projeto está lhe proporcionando.

Na entrevista realizada com Carlinhos Revolution, ele afirma que: a ACBRR não se limita apenas ao projeto Revolução da Gente, pois o engajamento social da entidade promove campanhas de arrecadação de alimentos, como por exemplo, para a maior seca que aflige o Nordeste dos últimos cem anos, no qual o Revolution Reggae recebe na sua sede e arrecada nas ruas mantimentos que possam amenizar a fome e o sofrimento de sertanejos que habitam principalmente a zona rural de Conceição do Coité.

Enfim, Xande Revolution em entrevista concedida, ressalta a importância da luta diária contra o racismo e a desigualdade social e racial, dizendo a

seguinte frase: “O Revolution Reggae lutou, luta e lutará contra qualquer força de discriminação que exista ao nosso redor”.

IRMANDADE RASTA REGGAE

Outro grupo que utiliza a filosofia da música reggae para suas ações sociais no município de Conceição do Coité, é a entidade Irmandade Rasta Reggae, surgida e sediada no povoado de Almas situado no mesmo município.

A Irmandade Rasta Reggae foi fundada no ano de 2008 pelo ativista social e líder comunitário Samuel Carvalho e atualmente conta com oito membros, todos pertencentes ao povoado de Almas. Sobre o surgimento do grupo Samuel Carvalho pontua:

No dia 21 de outubro de 2008 no povoado de Almas (Itamar), surgiu o movimento Rasta Reggae que mais tarde iria se chamar Irmandade Rasta Reggae. O principal pivô desse surgimento foi o resgate da cultura reggae naquele povoado; a necessidade de mostrar a verdadeira face da música reggae acelerou nossa vontade de fazer com que o povo entendesse o sentido do reggae. (SAMUEL CARVALHO, 16 mai. 2017)

Sobre a criação, Mateus Silva traça um perfil dos membros fundadores da entidade. Afirmando que dos cinco fundadores, três são negros e apenas um possui nível superior, tendo os quatro restantes concluído o nível fundamental ou médio apenas, e que apenas três destes possuem empregos formais.

Realidade semelhante pode ser observada no quadro de membros associados da Associação Cultural e Beneficente Revolution Reggae, que é composta em sua grande maioria por negros que residem nos bairros periféricos e que não tem acesso ao mercado de trabalho ou ao ensino superior por exemplo na maioria dos casos.

Vale ressaltar diante das análises feitas das entrevistas realizadas com Samuel Carvalho e Mateus Silva que diferentemente da Associação Cultural e Beneficente Revolution Reggae, a Irmandade Rasta Reggae não tem apoio ou parceria com o poder público por decisão dos próprios membros, como afirma um dos membros Mateus Silva, que diz que não procuraram e nem foram procurados para firmar convênios.

Um dos elementos em comum que a Irmandade Rasta Reggae tem com a ACBRR é o fato de ambos terem se originado a partir de uma inquietação social que havia entre amigos que se reuniam para escutar e falar sobre a musicalidade reggae. Valendo enfatizar que a mesma tem uma parceria com o Revolution Reggae no que tange a ideias e lutas em comum, como o combate ao racismo e a propagação do reggae como aglutinador de mudanças sociais e políticas para as respectivas comunidades em que atuam, bem como no município coiteense. Como relata Samuel Carvalho:

Nós do Irmandade Rasta Reggae temos lutado juntamente com a Associação Cultural e Beneficente Revolution Reggae, unindo forças para combater toda e qualquer desigualdade que aconteça em Coité ou no povoado de Almas, bem como o racismo e o combate a violência que temos em comum tanto em Almas como na sede (Conceição do Coité). Essa parceria tem gerado frutos e resultados lentos, mas a luta é permanente. (SAMUEL CARVALHO, 16 mai. 2017)

Podemos observar que há uma rede de solidariedade entre os grupos aqui pesquisados e apresentados, de modo que ambos promovem ações por vezes conjuntas, no intuito de fortalecer a atuação dos movimentos sociais reggaeros em Conceição do Coité.

O grupo não possui uma sede própria, tendo como local para os encontros e reuniões entre os membros inicialmente quando surgiu, a própria garagem da residência de Samuel Carvalho, e posteriormente passaram a utilizar a Casa de Cultura e/ou Clube Comunitário do povoado de Almas.

Mateus Silva relata sobre o contexto do surgimento do movimento social reggaeiro:

Diante da problemática do envolvimento de vários jovens da comunidade de Almas com drogas e conseqüentemente com a criminalidade, que gera violência, nós criamos o grupo Irmandade Rasta Reggae no intuito de promover uma ação social, movido pelas inquietações trazidas nas letras do reggae que de alguma forma colabore para amenizar o impacto da criminalidade, bem como das drogas que cresce cada vez mais não só no município de Conceição do Coité, como nos povoados, a exemplo de Almas. (MATEUS SILVA, 13 mai. 2017)

Na citação supracitada, Mateus Silva pontua a importância do reggae enquanto ponto de partida para uma organização social que pudesse atuar no povoado referido, de modo a criar mecanismos e projetos que combatesse a

escalada da violência entre a juventude da comunidade de Almas, sem deixar muito claro como a entidade promovia essas ações.

Para Samuel Carvalho, o reggae tem sua importância em vários aspectos, é um fortíssimo instrumento de integração e humanização. A sua aceitação tornou o ritmo jamaicano influencia para várias ações da Irmandade Rasta Reggae, como por exemplo a luta por direitos sociais em defesa do povo oprimido, tendo em suas letras um meio para despertar o engajamento social. Ele ainda destaca que o reggae sempre esteve presente nos eventos do grupo, e acredita que a sua força pode transformar as pessoas de forma positiva, educando e formando cidadãos dignos.

No que diz respeito à atuação social do grupo, como foi dito anteriormente se limita à comunidade do povoado de Almas. Mateus Silva, membro da entidade diz que:

A nossa atuação no povoado de Almas se deu através de uma intervenção no Colégio Municipal Evódio Resedá, promovendo oficinas as crianças e adolescentes no intuito de promover a valorização da cultura afro-brasileira e combater o racismo (MATEUS SILVA, 13 mai. 2017)

Mateus Silva conta que o grupo tentou implementar um projeto social de música, cinema e arte. Porém não obtiveram êxito devido à falta de condições de investimento para concretizar o projeto.

Segundo Thompson (1992), devido a história oral as massas anônimas foram incorporadas tendo agora encontrado espaços, colocando em evidência as histórias pessoais, uma vez que, ganharam alcance social para abrigar suas palavras, dando sentido social as experiências vividas sobre diferentes circunstâncias.

Mateus Silva continua ressaltando que o “ Estereótipo reggae/droga” foi fundamental no sentido de criar estratégias para tentar desvencilhar a musicalidade do reggae, juntamente com seus simpatizantes, que eram associados à usuários de drogas e criminosos perante a comunidade.

Ainda sobre o contexto de surgimento da entidade, Samuel Carvalho pontua:

A música reggae estava sendo mal vista, confundida, por conta da desinformação de algumas pessoas que julgavam errado simpatizantes da música reggae, e cometiam atos preconceituosos, manchando a imagem do reggae. Neste exato dia, 21 de outubro de 2008, um grupo de amigos decidiram mudar essa história. O primeiro passo foi buscar nossa identidade, como de fato a música reggae entrou naquela comunidade. Descobrimos que um dos principais canais foi através do programa de rádio, pra ser mais objetivo, foi o Rádio Itaparica de Salvador. Programa conduzido por Line de Almeida, programa este chamado RASTA REGGAE. (SAMUEL CARVALHO, 16 mai. 2017)

Podemos perceber tanto no relato de Mateus Silva, quanto no de Samuel Carvalho que há uma problemática em comum: a forma pejorativa que o reggae era visto no povoado de Almas e o preconceito que carregava os discursos repletos de estereótipos, dos quais quem curte reggae é usuário de drogas ou provável criminoso. Estereótipos esses que são comuns a todos os entrevistados aqui neste presente trabalho.

A FILOSOFIA REGGAE COMO ESTILO DE VIDA

Existem pessoas que optaram por adotar o reggae como seu estilo de vida, valendo ressaltar que esses indivíduos são majoritariamente oriundos de áreas periféricas, em virtude desse ritmo traduzir os anseios e mazelas que essas pessoas vivenciam cotidianamente.

Na pesquisa realizada foi encontrado um cidadão chamado Anderson Lenno da Silva Souza, morador do bairro dos Barreiros que tem a filosofia do reggae como forma de vida. Em uma entrevista realizada, Anderson Souza mostra como encara a vida diante dos preconceitos que a sociedade tem com as pessoas que adotam a filosofia reggae:

O reggae faz parte de mim, sigo ele como filosofia de vida, e por isso faço questão de assumir ele pra sociedade...me identifico com o reggae pois ele fala e retratada a minha realidade de negro e periférico em suas letras, por isso me identifico com o reggae. Ele traduz minhas revoltas e meus problemas sociais cotidianos de violência, desigualdade social, desemprego e muitos outros que passamos. (ANDERSON LENO, 15 mai. 2017)

Em sua fala, o depoente fala do reggae enquanto canal de reivindicações que retrata sua realidade através das suas letras, traduzindo as problemáticas vividas pelos periféricos, que estão sujeitos a mazelas sociais como o desemprego, violência etc.

Anderson Souza ainda ressalta que o ritmo caribenho o conscientizou e o despertou para os contextos políticos e sociais pelo qual vivência, afirmando que “O reggae interferiu na visão que tenho da sociedade, uma visão crítica, porque a sociedade é muito preconceituosa com os reggaeros e o reggae me ensina a resistir e lutar sempre”. Sobre os movimentos sociais, o entrevistado diz:

Conheço o trabalho do Revolution Reggae na periferia e nas comunidades, vejo muitos jovens e crianças participando de diversas aulas de vários esportes e profissões. Acho isso importante pra trazer um lazer pra comunidade que sofre tanto com a falta de divertimento e oportunidade de crescimento profissional, e com os projetos que o Revolution promove posso perceber que a comunidade mudou... não resolveu todos os problemas da favela, mas ajudou. (ANDERSON LENDO, 15 mai. 2017)

Acerca dos movimentos sociais, Anderson Souza ver a atuação dos mesmos como importante para a periferia e as comunidades que são contempladas com os projetos dessas entidades. Afirmado ainda que não é membro de nenhum grupo social reggaero, mas que eventualmente colabora ou participa de alguma ação social promovida pela Associação Cultural e Beneficente Revolution Reggae como discussões que o grupo promove para debater a violência contra a população negra na cidade de Conceição do Coité.

Ou seja, podemos perceber que o reggae influencia não somente movimentos sociais que se articulam pelo viés do reggae, bem como indivíduos, que mesmo não fazendo parte de nenhuma entidade social, ganham voz e se tornam agentes sociais e políticos de sua própria história, transformando seu meio e as relações que dele são provenientes, tendo o reggae um papel fundamental, como afirma o depoente nesse trecho da entrevista:

O impacto do reggae é nos incentivar, conscientizar da nossa luta diária contra todos os problemas que enfrentamos, porque como falei anteriormente, as letras do reggae falam da nossa realidade social injusta e violenta que nos faz refém do sistema. Então o impacto é esse, nos levantar como bem disse Edson Gomes, “acorde, levante e lute, se não a gente acaba perdendo o que já conquistou”. Eu acredito que o reggae promove a união, porque o reggae nos une no problema em comum que é o nosso cotidiano problemático e cheio de adversidades. Incentivar a gente a não ficar parado, acomodado com a situação e lutar por nossos direitos. (ANDERSON LENO, 15 mai. 2017)

Diante da citação supracitada podemos elencar o conceito de representação de Chartier (1980, p.121), pois o autor afirma que as percepções

do social não são de alguma forma discursos neutros, pois produzem estratégias e práticas nos âmbitos social, escolar e político que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou justificar para os próprios indivíduos as suas escolhas e condutas.

Dessa forma, Chartier complementa ao propor a pensar-se uma história cultural do social que tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos- ou por outras palavras, das representações do mundo social, que à revelia dos atores sociais traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que de forma paralela descrevem a sociedade tal qual pensam como ela é, ou como gostariam que fosse.

Portanto, entendendo a entrevista com Anderson Souza, juntamente com a visão de Chartier (1980, p. 121) pode-se perceber que o reggae é um elemento de construção cultural de grupos sociais, a exemplo da Associação Cultural e Beneficente Revolution Reggae e Irmandade Rasta Reggae. Produzindo representações do mundo e suas dinâmicas de sentido, refletindo diferentes apropriações e sentidos em diálogo com as tensões e conflitos que perpassam os grupos e os indivíduos na sociedade.

Por fim, analisando o conceito de representação sob a perspectiva do reggae, podemos observar que o meio social que foi imposto à Anderson, corroborou para que o mesmo tenha diferentes projetos de sociedade e significações sociais, do qual o reggae foi fundamental na sua concepção e formulação do seu ideal de representação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa abordou a origem do reggae e seu impacto na sociedade de Conceição do Coité, compreendendo o contexto cultural e social que favoreceram o surgimento de diversos grupos sociais engajados socialmente e politicamente, que tem o reggae como norteador de suas intervenções. Além de trazer uma análise das letras e do conteúdo que estavam inseridos no gênero reggae, de modo a identificar a ligação da população marginalizada com esse ritmo emergente que representava os anseios dessa massa de negros, em sua grande maioria, que viam no reggae uma forma de protestar sua realidade política e social.

O trabalho também explorou como foi a aceitação e o impacto do reggae na cidade de Conceição do Coité, localizada no sertão baiano, no recorte temporal compreendido de 1980 a 2010, no qual se buscou compreender como o reggae fomentou/despertou uma consciência de organização social em diversos grupos que tem a musicalidade do reggae como pilar de suas ações sociais no município.

Para tanto as entrevistas com líderes de entidades sociais reggaeras, bem como membros desses grupos foram de fundamental importância para o desenvolvimento dessa pesquisa, diante da limitada documentação escrita que versasse sobre o reggae na cidade de Conceição do Coité. O que fez com que essa pesquisa fosse bastante desafiadora, levando-se em consideração que trabalhar com a temática reggae é uma responsabilidade grande, pois o mesmo tem uma representatividade popular, o que exige do pesquisador uma ética e respeito as fontes e o que ela representa.

Oferecendo o presente trabalho uma rica discussão no intuito de desconstruir o preconceito e a discriminação que coloca os amantes do gênero à margem, de modo a repensar os estereótipos que os reggaeros estão sujeitos.

O trabalho deixa um legado positivo e que pode ser pesquisado sob outras perspectivas, de modo que essa pesquisa contribuiu para a divulgação do reggae em Conceição do Coité, dando voz através das entrevistas a sujeitos marginalizados e trazendo à tona uma discussão que pode posteriormente ser aprofundada e melhor compreendida.

Fontes Orais

Anderson Leno da Silva Souza, 34 anos, entrevista realizada no dia 15/05/2017, duração 12:00 minutos.

Alexandre Nascimento dos Santos, 35 anos, entrevista realizada no dia 13/04/2017, duração de 11:00 minutos.

Beto Rasta, 60 anos, entrevista realizada no dia 08/06/2016, duração de 10:00 minutos

Carlos Castro Lima, 41 anos, entrevista realizada no dia 27/08/2016, duração de 10:30

Edmundo Cardoso e Silva, 64 anos, entrevista realizada no dia 22/10/2016, duração de 10:00 minutos

Mateus Silva, 24 anos, entrevista realizada via e-mail no dia 13/05/2017

Manoel Silva, 61 anos, entrevista realizada no dia 24/01/2017

Samuel Carvalho de Jesus, 25 anos, entrevista realizada via e-mail no dia 17/05/2017

Documentários

Faces da Negritude do Sisal: <https://www.youtube.com/watch?v=m4lbgo9oxfc>

Revolução da gente: <https://www.youtube.com/watch?v=5ZsXt8XbytY&t=74s>

Reggae é de Paz- Parte II: <https://www.youtube.com/watch?v=itYhtnsmGH8>

Kaya N´Jamaica: <https://www.youtube.com/watch?v=SgDPG2MBzk0&t=413s>

Documentos eletrônicos

SILVA, Luiz Fernando Martins. **Políticas de ação afirmativas para negros no Brasil: Considerações sobre a compatibilidade com o ordenamento jurídico nacional e internacional.** Disponível: <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2010/11/Pol%C3%ADticas-de-a%C3%A7%C3%A3o-afirmativas-para-negros-no-Brasil.pdf>. Acesso em: 13/03/2017.

MATOS, Júlia Silveira. **História oral como fonte: problemas e métodos.** Disponível: <https://www.seer.furg.br/hist/article/viewFile/2395/1286>. Acesso em: 07/06/2016.

PAIXÃO, Danny. **Quem foi Hailé Silassié?** Disponível: <http://www.somjah.com/2011/06/haile-selassie-divindade-por-acaso.html>. Acesso em: 15/05/2016

MASCARENHAS, Raimundo. **Coité – Maracujá teve a maior comemoração pela certificação de comunidade Quilombola.** Disponível: <http://www.calilanoticias.com/2014/11/coite-maracuja-teve-a-maior-comemoracao-pela-certificacao-de-comunidade-quilombola.html>. Acesso em: 11/07/2017

Fontes Documentais

ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL E BENEFICENTE REVOLUTION REGGAE, 2003

Referências Bibliográficas

AMADO, Janaína. **A Culpa Nossa de Cada Dia: Ética e História Oral.** 1997.

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC.** Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

ALBUQUERQUE, Carlos. **O Eterno Verão do Reggae.** São Paulo: Ed. 34, 1997.

AGERKOP, Yukio, **Fronteiras e Movimento Cultural entre o Caribe e Salvador: O samba-reggae, o merengue e o reggae**, 2009.

BARROS, José D'Assunção: **Fontes Históricas: olhares sobre um caminho percorrido e perspectiva sobre os novos tempos**, 2010.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difusão Editora, 1980.

FALCÓN, Barbara. **O reggae de Cachoeira: produção musical em um porto atlântico**. 1ª edição Pinaúna Editora Salvador 2012.

FERNANDES, Adriana. **As Transformações do Reggae Jamaicano no Brasil: o caso do xote nordestino**, 2007.

GUERREIRO, Goli. **A Trama dos Tambores: a música afro-pop de Salvador**. 1ª edição; 2010.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Ed. 34 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

JESUS, Paulo Enselmo Ramos de. **Reggae é de Paz: a identidade cultural negra em Conceição do Coité**, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**, 2011.

MOTA, Fabricio dos Santos. **GUERREIROS DO TERCEIRO MUNDO IDENTIDADES NEGRAS NA MÚSICA REGGAE DA BAHIA**, 2012.

OLIVEIRA, Vanilson Lopes. **Conceição do Coité e os sertões dos tocós**. Conceição do Coité, 2002

PORTELLI, Alessandro. **O massacre de Civitella Val di Chiana: mito, política, luto e senso comum**. Editora FGV, 2006.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado – História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

RABELO, Danilo. **Rastafari: identidade e hibridismo cultural na Jamaica, 1930 – 1981**. 565 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

ROSA, Maristane de Sousa. **O REGGAE NA “JAMAICA BRASILEIRA”:** cidadania e política a partir de letras musicais, 2006.

SANTANA, Moisés de Melo. **Oludum: curriculum em ritmo de samba reggae-carnavalização a educação**, 2000.

SANTOS, Joanderson Costa dos. **O REGGAE COMO FONTE DE IDENTIFICAÇÃO CULTURAL, LAZER E ATRATIVIDADE TURÍSTICA EM SÃO LUIS DO MARANHÃO**, 2007.

SANTOS, Sales Augusto dos. **Políticas Públicas de Promoção da Igualdade Racial, Questão Racial, Mercado de Trabalho e Justiça Trabalhista**, 2010.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida; por um conceito de cultura no Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988